

NÓ DE AFETO

Vale a pena apostar todas as fichas no afeto, porque se desdobra em amizade duradoura.

Noeli Marangoni Gilioli*

As reuniões de pais nas escolas são cada vez mais freqüentes, não apenas para explicar normas e detalhar a proposta pedagógica, mas para lubrificar a relação escola-família e, sobre tudo, para robustecer o pacto entre ambas. Este procedimento já faz parte da cultura institucional: pais são parceiros dos professores, e não adversários. Num clima assim, até as tensões são mais fáceis de serem resolvidas, pois há predisposição para o diálogo.

A escola deve ter a clareza de sua proposta de trabalho e detalhá-la com convicção à família, sem receio de explicitar procedimentos em relação às normas que regem a convivência coletiva, especialmente no que diz respeito a regras de conduta e penalidades em caso de infração.

O centro das atenções é sempre a relação professor-aluno e pais-filho. E as direções se empenham em sensibilizar tanto o responsável pela aprendizagem quanto quem conduz a educação familiar. Conta-se uma zelosa e dedicada diretora de uma escola ressaltava a importância do apoio que os pais devem dar aos filhos: pedia-lhes, também, que se fizessem presentes o máximo de tempo possível.

A diretora entendia que, embora a maioria dos pais e mães daquela comunidade trabalhassem fora, deveriam achar um tempinho para se dedicar e entender as crianças. Mas a diretora ficou muito surpresa quando um pai levantou e explicou, com seu jeito humilde, que ele não tinha tempo de falar com o seu filho, nem de vê-lo durante a semana, porque, quando saía para trabalhar, era muito cedo, e o filho ainda estava dormindo e, quando voltava, já era muito tarde, e o garoto não mais estava acordado.

Explicou, ainda, que tinha de trabalhar assim para promover o sustento da família, mas também contou que isso o deixava angustiado por não ter

tempo para o filho e que tentava se redimir, indo beijá-lo todas as noites quando chegava em casa. E, para que o filho soubesse da sua presença, ele dava um nó na ponta do lençol que o cobria. Isso acontecia religiosamente todas as noites quando ia beijá-lo. Quando o filho acordava e via o nó, sabia, através dele, que o pai tinha estado ali e o havia beijado.



O nó era o meio de comunicação entre eles. A diretora emocionou-se com aquela singela história e ficou surpresa quando constatou que o filho desse pai era um dos melhores alunos da sua turma.

Não há dúvida de que convívio com os filhos é fundamental para relação duradoura, assimilação das regras de convívio e valores que a família precisa repassar, mas o trabalho e os compromissos são dimensão natural da vida dos pais, que muitas vezes sentem-se culpados por não disporem de tempo para o desejado convívio.

Vale a pena apostar todas as fichas no afeto, porque se desdobra em amizade duradoura e fortaleza para os mais duros embates da vida.

Osvino Toillier
(Presidente do Sinep)

Texto selecionado por Noeli Marangoni Gilioli*

* Pedagoga com especialização em Psicopedagogia e Gestão Escolar, Master Trainer em Programação Neurolinguística.